

Cotidiano e imaginário em disputa: midiatização, colonialidade e alternativas tecnopolíticas¹

Rone Eleandro dos Santos²

Resumo expandido (Painel Temático nº 20 – Big Data, ciência de dados, tecnologias algorítmicas e midiatização)

O presente trabalho tem como **tema** a relação entre cotidiano, mídia e imaginário, analisada à luz das transformações comunicacionais contemporâneas e da crescente centralidade dos dispositivos digitais na vida social. O objeto de estudo é a disputa simbólica pelo imaginário no contexto da midiatização, marcada tanto pela colonização algorítmica das práticas ordinárias pelas Big Techs quanto pelas possibilidades de resistência, apropriação e criação de alternativas tecnopolíticas. A investigação parte da hipótese de que o cotidiano, longe de ser um espaço banal ou secundário, constitui um campo privilegiado para compreender as tensões entre reprodução social e emancipação, estratégias hegemônicas e táticas de resistência, colonização digital e emergência de novas cosmotécnicas.

O **objetivo principal** é examinar o cotidiano como lugar de mediações e disputas, destacando como a midiatização reorganiza sensibilidades, temporalidades e sociabilidades, ao mesmo tempo em que o imaginário se torna campo central de captura e exploração pelas corporações digitais. Busca-se mostrar que a vida cotidiana, atravessada por dispositivos técnicos e ecologias afetivas, permanece um espaço contraditório: de um lado, alvo da colonização midiática e algorítmica; de outro, lócus de criação de sentidos alternativos, práticas emancipatórias e horizontes de

¹ Trabalho apresentado no Painel Temático nº 20 – Big Data, ciência de dados, tecnologias algorítmicas e midiatização do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Faculdade Cásper Líbero - FCL, realizado nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

² Doutorando em Mídia e Cotidiano no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (PPGMC-UFF). E-mail: rone_santos@id.uff.br

tecnodiversidade. A relevância do estudo reside na necessidade de compreender criticamente as dinâmicas contemporâneas que afetam a experiência ordinária, em especial diante do avanço da “superindústria do imaginário” (Bucci) e da constituição de “imaginários algorítmicos” (Morales & Natansohn), e de apontar possibilidades de abertura para outras formas de viver e imaginar coletivamente.

A **base teórica** para as reflexões no presente trabalho articula diferentes tradições. Primeiramente, retoma-se a perspectiva dialética de Agnes Heller, que compreende a vida cotidiana como o centro ontológico da existência social, espaço em que se entrelaçam alienação e possibilidade emancipatória. Em diálogo com Georg Lukács, a autora mostra que a cotidianidade não é mera repetição, mas lugar em que particularidade e genericidade se confrontam e se atualizam, abrindo margem para a condução consciente da vida (*Lebensführung*). Michel de Certeau amplia essa discussão ao propor, em *A invenção do cotidiano*, uma atenção às práticas ordinárias de apropriação, onde táticas criativas permitem aos sujeitos subverter e ressignificar estratégias dominantes. Essas contribuições permitem situar o cotidiano não como esfera passiva, mas como lugar de produção de sentidos, práticas e resistências.

Em seguida, a análise se desloca para a mídia como mediadora constitutiva da vida social. Muniz Sodré, em *As estratégias sensíveis*, propõe compreender a comunicação contemporânea a partir do conceito de *bios midiático*, uma ecologia afetiva em que a experiência cotidiana é reorganizada pela indistinção entre real e virtual. Nesse registro, a comunicação não é apenas transmissão de informação, mas condição existencial que modula afetos, corpos e percepções, estruturando o viver ordinário. Jesús Martín-Barbero, por sua vez, ao deslocar o foco dos meios para as mediações, mostra que a inteligibilidade do massivo só se compreende no entrelaçamento entre temporalidades sociais, matrizes culturais e dispositivos que configuram a recepção. Assim, a mídia aparece como dimensão constitutiva do cotidiano, articulando hegemonia e resistência, colonização e reapropriação cultural. Essa perspectiva aproxima-se de Guy Debord, para quem o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social mediada por imagens, revelando a profundidade com que a midiatização penetra na vida cotidiana.

A partir dessa base, o artigo avança para a análise da colonização digital do imaginário. Eugênio Bucci argumenta que vivemos sob a lógica de uma *superindústria do imaginário*, em que imagens,

narrativas e afetos são sistematicamente transformados em mercadorias. Essa colonização, intensificada pelas plataformas digitais, captura a vida ordinária e converte práticas cotidianas em dados, performances e fluxos de consumo. Morales e Natansohn, por sua vez, demonstram como algoritmos e softwares se consolidam como significações imaginárias sociais centrais no capitalismo contemporâneo, instaurando “imaginários algorítmicos” que naturalizam a neutralidade técnica e reforçam a mercantilização da vida. Essa análise reforça a necessidade de compreender os algoritmos não apenas como instrumentos, mas como dispositivos de poder que configuram percepções, orientam condutas e colonizam o imaginário coletivo.

Nesse ponto, torna-se decisivo dialogar com a crítica decolonial. Aníbal Quijano, ao formular a noção de *colonialidade do poder*, mostra como a modernidade produziu hierarquias de saber, ser e poder que ainda estruturam o mundo contemporâneo. Walter Dignolo, ao destacar a *colonialidade do saber*, argumenta que o imaginário moderno/colonial impôs uma matriz eurocêntrica de racionalidade que marginalizou epistemologias outras, produzindo uma geopolítica do conhecimento. Quando aproximadas da crítica à colonização digital do imaginário, essas reflexões permitem reconhecer que o poder algorítmico das Big Techs opera como nova forma de colonialidade: captura dados, modula afetos e reconfigura o cotidiano sob lógicas de controle e mercantilização, ampliando assim a colonialidade no terreno simbólico e tecnológico.

A contribuição de Yuk Hui, sobretudo em sua formulação da noção de *cosmotécnica*, abre caminhos para pensar alternativas. Para o autor, cada cultura articula uma concepção própria de cosmos e de técnica, de modo que não existe uma tecnologia universal, mas múltiplas formas de integrar técnica e mundo. A partir disso, Hui propõe a ideia de *tecnodiversidade*, entendida como condição para a construção de futuros múltiplos capazes de escapar à homogeneização tecnológica promovida pelo Ocidente e, atualmente, pelas Big Techs. Essa noção é fundamental para repensar o imaginário digital: se o colonialismo algorítmico tende a impor uma racionalidade única, a tecnodiversidade afirma a possibilidade de outros imaginários, outras mediações e outras práticas cotidianas de habitar a tecnologia. Assim, a reflexão de Hui conecta-se às análises de Heller e Certeau, ao evidenciar que a cotidianidade pode ser espaço não apenas de captura, mas de criação, invenção e pluralização.

A **pertinência** deste trabalho está em situar a disputa pelo imaginário como disputa pelo cotidiano na era da mediatização digital. Em um contexto em que a vida ordinária é cada vez mais permeada por algoritmos e dispositivos midiáticos, compreender as tensões entre colonização e resistência, entre ecologias afetivas globais e mediações culturais locais, torna-se essencial. Ao articular a tradição dialética (Heller), as práticas táticas (Certeau), o bios midiático (Sodré), as mediações (Martín-Barbero), a crítica à superindústria do imaginário (Bucci), a colonialidade (Quijano e Mignolo) e a cosmotécnica (Hui), este estudo oferece uma abordagem integrada para analisar a complexidade contemporânea. Mais do que denunciar a colonização digital, busca-se evidenciar que persistem brechas para resistências, reapropriações e invenções de novos imaginários, capazes de pluralizar o horizonte tecnopolítico.

Assim, o trabalho se insere no debate acadêmico atual sobre comunicação, cotidiano e colonialidade, propondo uma leitura crítica das transformações tecnológicas que afetam a vida comum. Ao enfatizar que o cotidiano é simultaneamente espaço de captura e de criação, o artigo defende a necessidade de repensar a tecnologia a partir da pluralidade cultural e epistemológica, reconhecendo a importância da tecnodiversidade e da construção coletiva de alternativas emancipatórias. Trata-se, em última instância, de afirmar que o direito ao imaginário é inseparável do direito ao cotidiano, e que disputar esse campo significa disputar a própria possibilidade de imaginar futuros outros, não reduzidos às lógicas mercantis e coloniais que hoje estruturam a superindústria do imaginário digital.

Palavras-chave: cotidiano; mediatização; imaginário; colonialidade; tecnodiversidade.

Referências

BUCCI, Eugênio. *A superindústria do imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. 16ª edição. Petrópolis: Vozes, 2009.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 2ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

IHDE, Don. *Tecnologia e mundo da vida: do Jardim à Terra*. Chapecó: Editora da Universidade Federal Fronteira Sul, 2017.

MAFFESOLI, Michel. *Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade* (entrevista). In: **Revista FAMECOS**, nº 15, agosto 2021, p. 74–82. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2001.15.3123>. Acessado em 24/08/2025.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MORALES, Susana & NATANSOHN, Graciela. *Imaginário social, ambientes digitais e algoritmos: da elucidação à criação de alternativas*. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 31, p. 1 -15, jan.-dez. 2024 | e-45331. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/45331/28702>. Acessado em 24/08/2025.

SILVA, Juremir Machado. *As tecnologias do imaginário*. 3ª Edição. Porto Alegre: Sulina, 2020.

SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis: Vozes, 2006.

SODRÉ, Muniz. *Muniz Sodré: O bios midiático na cena social contemporânea* (entrevista). In: **Revista Pesquisa FAPESP**, Especial Revolução Genômica, Setembro de 2008. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2025/07/Especial-genomica_2008completo.pdf. Acessado em 24/08/2025.

VALLE, Bortolo. *Ludwig Wittgenstein: linguagem ordinária e cultura*. **Revista Plurais - Virtual** (e-ISSN 2238-3751), [S.l.], v.8, n.3, 2019. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistapluraisvirtual/article/view/9190/6745>. Acessado em 24/08/2025

HUI, Yuk. *The Question Concerning Technology in China: An Essay in Cosmotechnics*. Falmouth: Urbanomic, 2016.

HUI, Yuk. *Tecnodiversidade*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

MIGNOLO, Walter. *La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: Gedisa, 2005.

MIGNOLO, Walter. *Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 32, n. 94, 2017, p. 1–18. Disponível em: <https://doi.org/10.17666/329402/2017>. Acesso em: 24 set. 2025.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina*. In: LANDER, Edgardo (org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 201–246.